

AUTOTRADUÇÃO: O CASO DO ESCRITOR BRASILEIRO JOÃO UBALDO RIBEIRO E A VERSÃO DE SARGENTO GETÚLIO / SERGEANT GETÚLIO

Maria Alice Gonçalves Antunes *

RESUMO: *O presente artigo tem por objetivo analisar a autotradução – a tradução de um texto pelo próprio autor – tal como praticada por João Ubaldo Ribeiro, que verteu dois romances de sua autoria (Sargento Getúlio e Viva o povo brasileiro) para o inglês. Este trabalho tem como foco a versão de Sargento Getúlio e as escolhas de João Ubaldo para a versão de ditados populares bem como os objetivos de João Ubaldo, expressos através de entrevista por email: dar um “ar traduzido” ao texto ao mesmo tempo em que procura “universalizar” o inglês da tradução. O artigo relaciona as estratégias do autotradutor ao verter os ditados populares às estratégias de domesticação e estrangeirização de Lawrence Venuti e apresenta os procedimentos usados pelo autotradutor, discutindo-os à luz de suas próprias palavras e as de Venuti.*

PALAVRAS-CHAVE: *autotradução; sistema; estrangeirização.*

ABSTRACT: *This article aims at analysing self-translation – the translation of a text by its author – as practiced by João Ubaldo Ribeiro, who translated two of his own novels (Sargento Getúlio e Viva o povo brasileiro) into English. This work focuses on the translation of Sargento Getúlio and João Ubaldo’s choices for the translation of popular sayings as well as his objectives as a translator (described in an email interview), namely to give the text the feel of a translation and, at the same time, to make it sound universal. The article discusses the relation between the strategies used by João Ubaldo to translate popular sayings to the strategies of domestication and foreignization, discussed by Venuti. Finally, this work discusses the translation procedures used by João Ubaldo in the light of his own words as well as Venuti’s concepts.*

KEY-WORDS: *self-translation; system; foreignization.*

INTRODUÇÃO

O primeiro romance do escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro foi publicado no Brasil em 1968. Entretanto, o primeiro sucesso de crítica só viria com o lançamento de *Sargento Getúlio* em 1971. A partir de então, sua obra tem sido objeto de estudo em todo o país e sua fortuna crítica é

* Doutora em Letras, professora adjunta do Instituto de Letras, Departamento de Letras Anglo-Germânicas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

bastante grande, mas seu trabalho como tradutor de *Sargento Getúlio* (1971) e *Viva o povo brasileiro* (1984) para o inglês tem recebido pouca atenção tanto da crítica especializada (GOMES, 2005, p. 75) quanto de estudiosos da tradução. Entretanto, sendo a autotradução um tema ainda pouco debatido (v. ANTUNES, 2007), a pouca atenção dada ao trabalho de João Ubaldo não é tão surpreendente. Portanto, o propósito mais geral deste artigo é contribuir para o preenchimento dessa lacuna nos estudos sobre o trabalho do escritor brasileiro, apresentando uma discussão limitada (por questões de espaço) acerca do trabalho de João Ubaldo ao verter para o inglês algumas das “frases feitas do uso cotidiano” (RIBEIRO, email, 24/09/2003) (ou os ditados populares) que são marcas da linguagem regional do romance *Sargento Getúlio*.

Baseados na visão de literatura traduzida como sistema (EVEN-ZOHAR, 1990; TOURY, 1995), faremos uma análise comparativa entre o texto original (TO, doravante) e o texto autotraduzido (TAU, doravante), contrastando a prática autotradutória de João Ubaldo aos objetivos que o próprio escritor descreveu em entrevista por email concedida entre os anos de 2003 e 2006 e que serviu de instrumento para a elaboração de tese de doutorado intitulada “O respeito pelo original – um estudo da autotradução a partir do caso de João Ubaldo Ribeiro” (ANTUNES, 2007). Durante a entrevista, João Ubaldo afirmou ter pretendido “dar um ar traduzido ao verter seu trabalho para o inglês” (RIBEIRO, email, 24/09/2003) ao mesmo tempo em que procurou “universalizar o inglês da tradução, puxando mais, no caso, para o inglês americano, porque a tradução era para os Estados Unidos” (RIBEIRO, email, 12/11/2003).

Este trabalho tem por objetivo principal, portanto, apresentar e discutir as estratégias e os procedimentos técnicos de tradução¹ utilizados pelo autotradutor brasileiro usados para dar ao TAU o “ar traduzido” e, ao mesmo tempo, “universalizado”. Acreditamos que não é possível, nos dias atuais, refletir sobre o “ar traduzido” e a “universalização” sem levar em consideração as estratégias de domesticação e de estrangeirização apresentadas por Lawrence Venuti em *The translator’s invisibility* (1995) e re-discutidas em *Os escândalos da tradução* (2002). Assim, as estratégias selecionadas por João Ubaldo serão relacionadas às estratégias de domesticação e de estrangeirização (VENUTI, 1995; 2002). Esclarecemos, contudo, que este artigo não tem por objetivo fazer uma

¹ A expressão “estratégia” é usada neste trabalho em referência ao conjunto de passos comportamentais usados para atingir um objetivo. A expressão “procedimento técnico de tradução” é usada em referência à maneira escolhida para lidar com um problema específico (as referências culturais, por exemplo). A “universalização” e a “domesticação” são, portanto, estratégias que implica a utilização de um conjunto de técnicas distintas, como, por exemplo, a “tradução literal”.

análise crítica profunda das estratégias debatidas por Venuti, mas apenas verificar até que ponto as escolhas de João Ubaldo podem ser vistas como tentativas de “ressaltar a existência autônoma daquele texto por trás (no entanto, por meio) do processo assimilativo da tradução” (VENUTI, 2002, p. 28), antecipando através de sua reflexão e de sua prática a (relativamente recente) discussão sobre a invisibilidade do tradutor.

Para que a compreensão inicial de um processo tão complexo como a autotradução tal como praticada por João Ubaldo Ribeiro seja possível, organizaremos este trabalho da seguinte forma. Em primeiro lugar, apresentaremos algumas considerações a respeito da publicação de *Sergeant Getúlio* nos Estados Unidos, enfatizando pressões de natureza sistêmica que têm recebido pouca atenção dos estudiosos interessados na autotradução (FILIPPAKOPOULOU, 2005, p. 24). Cremos que tais considerações são necessárias, já que demonstram que as opções de qualquer tradutor (sendo ele o autor do próprio texto ou não) serão sempre influenciadas pelas condições de recepção vigentes no polissistema literário da cultura-alvo. Em seguida, apresentaremos uma breve análise crítica dos conceitos de domesticação e estrangeirização apresentados por Venuti (1995; 2002). Na terceira seção, discutiremos o trabalho de João Ubaldo Ribeiro tendo como foco as “frases feitas de uso cotidiano” (RIBEIRO, email, 24/09/2003), **bastante frequentes em Sargento Getúlio**. Finalmente, faremos algumas considerações em relação às questões que se sobressaíram na discussão acerca do processo de autotradução de João Ubaldo Ribeiro.

SARGENTO GETÚLIO / SERGEANT GETÚLIO – A PUBLICAÇÃO NOS E.U.A.

Sargento Getúlio foi publicado no Brasil em 1971 e nos Estados Unidos em 1978 pela *Houghton Mifflin Company*. O interesse pela publicação da obra pode ser atribuído a diversos fatores. Em primeiro lugar, devemos considerar que *Sargento Getúlio* obteve grande sucesso de crítica no Brasil e também na França e na Espanha, países onde o romance havia sido lançado. Em segundo lugar, devemos considerar o desejo norte-americano de fazer crescer a amizade entre as nações do continente americano através da comunicação intercultural. Na verdade, tal desejo é apontado por Heloisa Barbosa (1994, p. 61-75) como uma das razões pelas quais romances brasileiros, os de Jorge Amado, por exemplo, foram lançados nos Estados Unidos durante os anos 1970. De acordo com a pesquisadora brasileira, durante a década de 1970, os departamentos de Estudos Latino-Americanos proliferaram em universidades norte-americanas. Além disso, o governo norte-americano financiou vários estudos sobre os países latino-americanos na tentativa de atingir um conhecimento maior acerca dessa região. Por isso, devemos considerar a própria trama do romance como um dos motivos

que podem ter contribuído para sua seleção e posterior publicação. Getúlio, o personagem principal, é um sargento da polícia sergipana que, obedecendo às ordens de seu patrão, captura um inimigo político para levá-lo para a prisão em Aracaju. Durante a viagem, tropas federais bloqueiam seu caminho e tentam resgatar o prisioneiro, já que a situação política se alterou e o patrão de Getúlio não tem mais poder para dar ordens. Getúlio, que não quer ou não consegue perceber que foi traído pelo próprio chefe, resiste à prisão e é assassinado. A crítica brasileira em geral associou o romance de João Ubaldo à situação política do Brasil à época (COUTINHO, 1998, p. 67). No ano de 1971, quando o livro foi lançado no Brasil, os brasileiros assistiram à prisão do deputado Rubens Paiva no Rio de Janeiro; à condenação à morte (na primeira sentença de morte concedida pela justiça desde a implantação da República) do jovem membro do Partido Comunista Brasileiro, Teodomiro Ribeiro dos Santos; à caçada e morte na Bahia de Carlos Lamarca e seu companheiro José Campos Barreto; e à promulgação da lei 5692, que tornou a disciplina “educação moral e cívica” obrigatória em todas as escolas, em níveis médios, universitários e de pós-graduação (COUTINHO, 1998, p. 56-58). Não é difícil concluir, assim, que o momento histórico vivido por brasileiros era de interesse para um público tradicionalmente interessado em romances que narram – ou que são baseados em – a história de uma nação (BARBOSA, 1994, p. 61-81).

Jorge Amado, campeão de vendas por muitos anos entre os autores brasileiros traduzidos, escreveu a apresentação do romance. Em seu texto, Amado afirma que “entre os romances publicados no Brasil na última década, poucos foram tão importantes para o desenvolvimento da ficção [brasileira] quanto *Sargento Getúlio*” (RIBEIRO, 1978, p. ix) e enfatiza a importância da linguagem, afirmando que ela é um “instrumento de criação fértil e poderoso” (p. xi) nas mãos de João Ubaldo Ribeiro.

O nome de Jorge Amado aparece também na capa de *Sergeant Getúlio*. A inscrição representa parte de uma estratégia comum usada por editores norte-americanos. Segundo Heloisa Barbosa (1994, p. 61-81), ao lançar romances escritos por autores desconhecidos, esses editores tendem a mostrar a relação entre o novo lançamento e os fatos já conhecidos do público-alvo. Jorge Amado era um escritor popular nos Estados Unidos e os leitores norte-americanos da ficção brasileira sabiam o que esperar dele. Assim, a autoria do texto que apresenta João Ubaldo Ribeiro e *Sergeant Getúlio* e a inscrição do nome de Amado na capa do romance brasileiro pareceram boas estratégias de lançamento para editores que querem aproximar o romance do público-alvo ao apelar para o já conhecido desse mesmo público.

Por outro lado, o nome do tradutor não é mencionado na capa de *Sergeant Getúlio* ou em qualquer um dos lugares possíveis para tal menção.

Sendo o autor também o tradutor do romance, pode-se concluir que a informação não foi considerada necessária. Entretanto, devemos ressaltar que a omissão do nome do tradutor foi um procedimento comum até pouco tempo atrás. Consideramos importante ressaltar também que o nome de João Ubaldo Ribeiro e o título do romance dividem a capa da edição norte-americana. Ou seja, a capa de *Sergeant Getúlio* ratifica a posição do autor como dono dos direitos sobre a obra e, ao mesmo tempo, a total invisibilidade do tradutor. Entretanto, consideramos curioso que o fato de que foi o próprio autor quem verteu o romance para o inglês não seja mencionado. Essa informação é, em geral, revelada aos leitores para demonstrar o *status* elevado de uma tradução desse tipo. Esse *status* torna-se, às vezes, tão elevado que o TO perde a superioridade a ele geralmente atribuída por profissionais da tradução. De fato, um exemplo da superioridade do TAU em relação ao TO é demonstrada no caso da poesia escocesa. Christopher Whyte, poeta e professor da Universidade de Edimburgo, discute as edições bilíngues em que o poema original, escrito em gaélico, é apresentado ao lado da tradução – feita pelo próprio autor – para o inglês, a língua dominante na Escócia atual apesar dos esforços de alguns escoceses para tornar o gaélico um idioma oficial. Whyte afirma que as edições bilíngues “tendem a apoiar a crença de que, já que temos ali as traduções feitas pelo próprio poeta, os originais podem ser ignorados” (2002, p. 70) por leitores. Assim, podemos ver nas palavras de Whyte que o TAU tem um *status* diferente daqueles textos traduzidos por tradutores profissionais.

Apesar de reconhecermos que o TAU recebe um tratamento diferenciado de editores e do público-leitor em geral, não consideramos que os originais possam ser ignorados com base na crença de que a autotradução representa com total e absoluta fidelidade as intenções do autor. Acreditamos que a tradução nunca é uma atividade neutra, que permite que uma obra literária cruze fronteiras lingüísticas e culturais sem sofrer transformações, mesmo que o guia seja o próprio autor do TO. Além disso, TAUs não são cópias idênticas de seus originais, assim como nenhuma tradução é cópia idêntica de um original. Contudo, a tradução realizada pelo próprio autor confere um *status* especial ao texto, quando o leitor tem acesso a essa informação. Assim, considero surpreendente que os editores norte-americanos do romance *Sergeant Getúlio* não tenham apresentado o romance ao público-leitor como aquilo que ele é: uma obra traduzida pelo próprio autor da mesma.

Depois de discutirmos pressões de natureza sistêmica que influenciaram o lançamento de *Sergeant Getúlio* nos Estados Unidos, passamos a apresentar uma breve análise das estratégias de domesticação e de estrangeirização, apresentadas e debatidas com frequência por Lawrence Venuti (1995; 2002).

AS ESTRATÉGIAS DE DOMESTICAÇÃO E DE ESTRANGEIRIZAÇÃO DE LAWRENCE VENUTI

Depois de discutir o processo de publicação de *Sergeant Getúlio* nos Estados Unidos, voltamo-nos agora a uma breve análise das estratégias de domesticação e de estrangeirização, tal como discutidas pelo estudioso da tradução e professor da Temple University, Lawrence Venuti.

Venuti apresenta a tradução como uma forma de violência, que tem como inerente ao propósito e à atividade em si “a reconstituição do texto estrangeiro de acordo com valores, crenças e representações que já existem na língua alvo” (VENUTI, 1995, p. 18). A tradução é, portanto, etnocêntrica, já que sempre tem como objetivo natural transformar o estrangeiro em algo que é familiar, conhecido do público-alvo e que, em consequência, não causa estranheza ou até mesmo a rejeição do leitor. O resultado de um processo de tradução é, nas palavras de Venuti, um texto domesticado, fluente tanto do ponto de vista cultural quanto do linguístico (a sintaxe e o vocabulário) (p. 5) e de cuja estrutura foram banidos arcaísmos, termos estrangeiros, linguagem coloquial ou especializada, estruturas sintáticas consideradas pouco idiomáticas (p. 4) ou qualquer coisa que possa chamar a atenção do leitor para a língua e para a cultura (estrangeira) em si (p. 6). A fluência, tida como qualidade principal do texto traduzido, foi e é objetivo de todo o tradutor que quer ter seu trabalho avaliado de forma positiva pela crítica especializada. Entretanto, para Venuti, é preciso restringir, por assim dizer, a fluência de um texto se o tradutor quer adotar uma atitude de respeito ao estrangeiro.

Esse respeito será demonstrado na utilização da estratégia de estrangeirização, que é uma forma de resistência ao etnocentrismo inerente à tradução. Para Venuti, a tradução estrangeirizadora promove a visibilidade do tradutor, do próprio ato de traduzir e da cultura-fonte, já que o profissional se desvia de normas da cultura-alvo e encoraja, em consequência, uma experiência de leitura “estranha” (p. 20), de natureza diferente daquela proporcionada pela leitura de uma tradução vista como fluente. Entre os procedimentos utilizados pela tradução estrangeirizadora, Venuti apresenta a escolha de “um texto cuja forma e tema desviam-se dos cânones literários domésticos” (2002, p. 28) e o uso de “um discurso marginal para traduzi-lo” (1995, p. 20). Venuti não apresenta muitos exemplos desse tipo de trabalho, mas vê a tradução estrangeirizadora como um possível agente de inovação da língua e da cultura para a qual se traduz, já que o texto estrangeirizado traz nele mesmo marcas da “diferença linguística e cultural do texto estrangeiro” (p. 20), levando o leitor em direção ao autor, como disse Friedrich Schleiermacher, cujas reflexões inspiram a discussão de Venuti.

Destacamos que o respeito pelo outro, ratificado pela escolha de

estratégias que evidenciam a presença do estrangeiro, é defendido por Venuti (2002). Como afirmamos anteriormente, ele argumenta que uma tradução de boa qualidade é aquela que “limita a negação etnocêntrica” (p. 155) e, por isso, para o estudioso é essencial que o tradutor limite a adaptação a padrões da cultura receptora, pois ao adaptar o tradutor pode, por um lado, facilitar a leitura, mas por outro pode fazer o público-leitor da cultura-alvo esquecer que está diante de um outro, que é diferente, e que tem características próprias. De fato, também acreditamos que uma tradução que apaga a diferença homogeneiza o estrangeiro e dificulta a construção do respeito pela diferença (APPIAH, 2000). Entretanto, como aponta Pym (1999), a distinção entre as duas estratégias – domesticação e estrangeirização – é calcada em uma única via de tradução, a saber: de uma cultura minoritária para uma cultura majoritária. Se pensarmos na outra via, verificaremos que o uso de uma estratégia estrangeirizadora pode ter como resultado a ratificação de uma hegemonia. Uma cultura minoritária, com um polissistema literário fraco, que faz da estrangeirização sua prática pode ratificar seu status minoritário porque estará importando valores e crenças de uma cultura majoritária. É evidente que o inverso também pode ser verdadeiro: um polissistema literário fraco pode também importar estilos e técnicas através da tradução para transformar sua própria literatura, mas precisará, a nosso ver, adotar uma postura crítica e consciente em relação ao que quer importar quando traduz. Além disso, a atitude que Venuti considera ética pode não ser a mais apropriada se considerarmos as expectativas do público-leitor, como discutimos anteriormente. Uma versão do português para o inglês de tendência estrangeirizadora, como no caso de João Ubaldo Ribeiro, pode fazer com que as obras do escritor soem por demais estrangeiras, dificultando a interação com o público-alvo e o alcance de um público expressivo para suas obras. Destacamos ainda que uma obra traduzida jamais será completamente estrangeirizadora ou domesticadora, pois um tradutor sempre utilizará técnicas variadas (v. FRANCO AIXELÁ, 1996; BENTES, 2005). Julgamos que uma tradução é sempre um exercício de equilíbrio entre tendências distintas para que um texto, especialmente aquele proveniente de um polissistema literário jovem ou não-hegemônico, não apague por completo o estrangeiro nem tampouco pareça tão estranho que cause a rejeição do público-leitor.

Depois da breve discussão acerca das estratégias de domesticação e de estrangeirização, voltamos agora à análise do trabalho de João Ubaldo Ribeiro, autotradutor.

Antes de iniciarmos nossa discussão, lembramos mais uma vez a opinião de Jorge Amado, demonstrada na apresentação de *Sergeant Getúlio*, e que não é diferente daquela de outros leitores profissionais – professores de literatura, críticos literários – brasileiros que consideram o uso que João Ubaldo faz da linguagem um traço inovador de sua prosa e uma marca importante de sua escrita em português. Entre essas marcas presentes no romance *Sargento Getúlio* em especial, citamos os erros intencionais, onomatopéias, fusões de palavras, frases encurtadas, frases retorcidas, “empréstimos” do inglês, palavras e expressões arcaicas ou eruditas, estruturas sintáticas arcaicas, ditados populares, neologismos completos, marcas do sotaque regional, repetições intencionais (LACERDA, 2005, p. 72). Diante de uma linguagem tão marcada, vejamos o que diz João Ubaldo sobre seu trabalho e, em seguida, que procedimentos ele utiliza para verter o romance de sua autoria para o inglês.

Segundo João Ubaldo, ele desejou “dar um ar ‘traduzido’ ao verter seu trabalho para o inglês” (RIBEIRO, email, 24/09/2003). O escritor explica sua escolha afirmando que preferiu “usar uma maneira de dizer, uma frase feita de uso cotidiano, por exemplo, traduzida do português do que seu equivalente, muitas vezes diferente, na conversa comum entre nativos falantes de inglês” (RIBEIRO, email, 24/09/2003). Assim, podemos compreender o “ar traduzido” como a tentativa de fazer com que o leitor encontre obstáculos durante sua leitura e assim perceba que está diante de uma tradução. Consequentemente, o “ar traduzido” pode ser entendido como uma estratégia de resistência usada pelo autotradutor que quis encorajar o leitor a “perceber a diferença linguística e cultural” (VENUTI, 1995, p. 41) de um texto marcadamente regional, estrangeiro como aquele que ele escreveu.

Por outro lado, o autor afirma também que tentou “universalizar o inglês da tradução, puxando mais, no caso, para o inglês americano, porque a tradução era para os Estados Unidos” (RIBEIRO, email, 12/11/2003). Podemos compreender a “universalização” citada por João Ubaldo como a tentativa de aproximação do público-alvo através do uso de construções gramaticais, vocabulário, técnicas e padrões em geral já conhecidos dos leitores aos quais sua versão se destinava. Lembramos que o apelo àquilo que é familiar, como o nome de Jorge Amado, escritor já conhecido do público-leitor norte-americano, foi uma estratégia usada no lançamento do romance, como discutimos em seção anterior. Cremos também que a “universalização” promove a fluência, já que o leitor não encontra obstáculos durante a leitura, já que encontra ali padrões vigentes em seu próprio contexto e que são conhecidos ou familiares. Por outro lado, como

discutimos anteriormente, uma tradução fluente tende a esconder “peculiaridades linguísticas e estilísticas” (VENUTI, 1995, p. 1) do TO, além de esconder a cultura estrangeira tornando a tradução transparente ou ainda fazendo com que a tradução pareça, na verdade, outro original. A ausência dessas peculiaridades torna, ainda nas palavras de Venuti, o trabalho do tradutor e próprio ato de traduzir invisíveis, além de esconder condições sob as quais a tradução é feita (p. 1).

Vejamos então quais são os procedimentos técnicos de tradução selecionados por João Ubaldo Ribeiro para a versão de algumas das “frases feitas do uso cotidiano”, presentes em *Sargento Getúlio*.

De fato, como discutimos anteriormente, o “ar traduzido” resulta, por vezes, em um obstáculo para a leitura. Pudemos constatar que João Ubaldo usa traduções de ditados populares que soam pouco naturais em inglês e que, a nosso ver, demonstram a presença da língua estrangeira em que o TO foi escrito. Ou, nas palavras de Lawrence Venuti, “forçam o leitor a perceber a diferença linguística” no texto que lê (1995, p. 41). Esse é o caso de “o que não tem remédio, remediado está” (RIBEIRO, 1971, p. 36), vertido para o inglês como “that which has no remedy, can be considered remedied” (RIBEIRO, 1978, p. 28). Vemos que para a versão de um ditado popular bastante comum entre falantes nativos de português foi usado o procedimento da tradução literal, entendido aqui como aquele que respeita a forma do texto, na medida permitida pela estrutura das línguas envolvidas na tradução. O resultado é uma expressão que não é fixa ou de uso freqüente, que demonstra o uso de um registro bastante formal da língua inglesa, apaga a cor local registrada no TO pela utilização de um ditado popular e, além disso, constitui um “obstáculo” para uma leitura fluente. Ou, nas palavras de Venuti, dá visibilidade ao trabalho do tradutor e à própria tradução.

Em outro momento, João Ubaldo substitui um ditado popular da região de Sergipe, “quem come jaca e bebe qualquer tipo de cachaça, estupora” (RIBEIRO, 1971, p. 11), por “whoever eats a piece of jack fruit and drinks any kind of hard liquor on top of it, his skin breaks out all over” (RIBEIRO, 1978, p. 3). A expressão em português faz alusão a um tabu alimentar instituído por jesuítas que, impedidos por motivos religiosos de flagelar seus escravos, desenvolveram métodos psicológicos para induzi-los a vigiarem a si mesmos. Novamente, a opção pela tradução literal resulta em uma expressão que não é fixa ou comum e que não tem a “cor” original. Entretanto, não podemos negar que, nesse caso, o leitor da versão inglesa é levado a perceber a presença da “diferença cultural”, ou do estrangeiro, já que o autotradutor mantém *jack fruit*, o fruto originário da Índia e muito popular no Brasil, visto como estrangeiro pelo leitor norteamericano.

Para a versão de “homem nu com mulher nua, um vai cair na pua” (RIBEIRO, 1971, p. 56), João Ubaldo opta, mais uma vez, pelo uso da tradução literal. Entretanto, a estrutura da língua-alvo restringe o uso desse procedimento e o autotradutor precisa se distanciar mais da estrutura do TO. O resultado, “get a naked woman and a naked man together and one of them will end up on top of the other” (RIBEIRO, 1978, p. 48), é uma expressão que não é fixa, que usa um inglês informal e que apaga a cor local do TO.

Em mais um exemplo da versão das frases feitas, João Ubaldo deixa de empregar o procedimento da tradução literal e privilegia o sentido da expressão em vez da forma. Assim, “quem é burro pede a Deus que mate e o diabo que carregue” (RIBEIRO, 1971, p. 107) é substituído por “when you’re stupid you ask for your own death” (RIBEIRO, 1978, p. 98). A “cor local” que o uso da frase feita dá ao TO é mais uma vez apagada e a versão não pode ser considerada um obstáculo a uma leitura fluente.

Finalmente, vemos que ao mesmo tempo em que traduz expressões populares literalmente, produzindo resultados que apagam a cor local e que, por vezes, dão ao texto o “ar traduzido” intencional, João Ubaldo procura compensar esse procedimento ao adicionar expressões fixas em inglês que coloreem a versão ao mesmo tempo em que tornam o texto fluente. Um exemplo do uso de “frases feitas” conhecidas do leitor-alvo é “where the devil lost his boots” (RIBEIRO, 1978, p. 126) que substitui a expressão marcadamente regional “lá no jebe-jebe de Penedo” (RIBEIRO, 1971, p. 116).

CONCLUSÃO

O presente artigo teve por objetivo apresentar o trabalho da autotradução tal como praticada por João Ubaldo Ribeiro. Por questões de espaço, não foi possível discutir a prática de João Ubaldo de forma detalhada. Por isso, escolhemos tratar o tema levando em consideração os objetivos do próprio autotradutor ao verter seu romance (as frases feitas do uso cotidiano, em especial) para o inglês: dar à obra o “ar traduzido” ao mesmo tempo em que procura “universalizar” a língua da tradução “puxando mais para o inglês norte-americano”.

Algumas questões se sobressaem no caso de João Ubaldo. Destacamos a opção do escritor brasileiro pelo “ar traduzido”. Considerando-se que o romance foi lançado nos Estados Unidos nos fins dos anos 1970, seria esperado que a tradução tivesse por principal objetivo a fluência, característica apontada como qualidade importante do texto traduzido por diversos críticos e estudiosos. Entretanto, o escritor brasileiro opta por manter no TAU a presença do estrangeiro, ainda que isso signifique ir

contra um padrão já estabelecido na cultura-alvo. Vemos aqui uma atitude “arriscada” de um autor que, pela primeira vez, via seu romance lançado nos Estados Unidos.

Além disso, julgamos importante considerar que João Ubaldo antecipa uma discussão que só alcançaria seu ápice, por assim dizer, quando do lançamento, em 1995, de *The translator’s invisibility*, livro importante para a área dos estudos da tradução, já que traz uma estratégia que pode ser vista como uma alternativa à prática de uma tradução fluente.

Julgamos importante ressaltar que João Ubaldo utiliza frequentemente o procedimento da tradução literal para dar forma ao “ar traduzido” e mantém no TAU referências culturais tipicamente estrangeiras, tais como a referência ao tabu alimentar instituído por jesuítas que demonstramos aqui. Assim, vemos que, através de sua prática, o escritor brasileiro já introduzia, ainda que de forma inconsciente, uma discussão importante para os estudiosos da tradução: a presença do estrangeiro no texto traduzido, que pode se dar através da utilização de procedimentos técnicos de tradução que propiciam a manutenção dessa presença.

Finalmente, é essencial ressaltar que, ao mesmo tempo em que lança uma discussão importante, João Ubaldo também parece deixar de lado aquela que é uma das marcas mais fortes de sua escrita na língua original: a utilização de uma linguagem regional cuja principal característica é a criatividade. Podemos notar nos exemplos que aqui mencionamos que a linguagem regional não aparece como uma marca essencial do TAU. Por outro lado, sua opção pelo “ar traduzido” faz com que seu texto possa ser visto como um exemplo de uma tradução que, fundamentalmente, parece uma tradução.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Alice Gonçalves. *O respeito pelo original* – um estudo da autotradução a partir do caso de João Ubaldo Ribeiro. Tese de doutorado, no prelo. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2007.

APPIAH, Kwame Anthony. Thick translations In: VENUTI, Lawrence. (org.) *The translation studies reader*. Londres: Routledge, p. 417-429, 2000.

BARBOSA, Heloisa. *The virtual image: Brazilian literature in English translation*. Tese de Doutorado inédita. Universidade de Warwick, Inglaterra, 1994.

BENTES, Carla Melibeu. Clifford Landers – tradutor do Brasil. Dissertação de Mestrado inédita. Rio de Janeiro: PUC, 2005.

COUTINHO, Wilson. *João Ubaldo Ribeiro, um estilo de sedução*. Rio de Janeiro: Relume-

Dumará, 1998.

EVE-ZOHAR, Itamar. Polysystems studies. *Poetics today*, Durham: Duke University Press, v. 11, n. 1, 1990.

FILIPPAKOPOULOU, Maria. Self-translation: reviving the author? *In other words*, Norwich: Pen & Ink Press, v. 25, p. 23-27, 2005.

FRANCO AIXELÁ, Javier. Culture-specific items in translation. ÁLVAREZ, Román e VIDAL, Carmen-África. *Translation power subversion*. Clevedon: Multilingual Matters, p. 52-78, 1996.

GOMES, João Carlos Teixeira. João Ubaldo e a saga do talento triunfante. BERND, Zilá (org.) *João Ubaldo Ribeiro. Obra seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 75-103, 2005.

LACERDA, Rodrigo. Enfrento. Logo, existo. Uma leitura de *Sargento Getúlio*. BERND, Zilá (org.) *João Ubaldo Ribeiro: obra seleta*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p. 51-73, 2005.

PYM, Anthony. The scandals of translation: towards an ethics of difference. *Resenha*. 1999. Disponível em <http://www.tinet.org/~apym/on-line/reviews.html> Acesso em 12 dez. 2005.

RIBEIRO, João Ubaldo. (1971) *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____ *Sergeant Getúlio*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1978.

_____ “Doutoranda PUC” [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maria.alice.antunes@terra.com.br> em 24 de setembro de 2003.

_____ “Doutoranda PUC” [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <maria.alice.antunes@terra.com.br> em 12 de novembro de 2003.

TOURY, Gideon. *Descriptive translation studies and beyond*. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility*. Nova York: Routledge, 1995.

_____ *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Tradução por Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.

WHYTE, Christopher. Against self-translation. *Translation & literature*, Edimburgo, v. 11, p. 64-70, 2002.